

RESUMO

Este trabalho propõe uma leitura da obra poética de Hindemburgo Dobal a partir das teorias miméticas. Privilegia-se, nesse âmbito, a teoria de Luiz Costa Lima, que reaproxima, consoante a herança aristotélica, *mímesis* e *poíesis*, buscando compreender o ato mimético como produção da diferença. Fundado nessa dialética entre *mímesis* e *poíesis*, o trabalho analisa como se desdobra em Dobal o jogo de forças entre o ficcional e o histórico, a invenção e a descoberta, a representação e a apresentação, para a partir desses parâmetros compreender como o Poeta, ao recusar a entronização do eu e a adoção de uma linguagem propositadamente hermética e anti-referencial, verdadeiros imperativos da poética de extração pós-romântica, instala-se num *lócus* pouco freqüentado na lírica moderna, capaz de manter a força comunicativa da poesia, sem lhe macular a densidade cognitiva ou a qualidade estética. Restringe-se o trabalho a três livros do Autor, que formam, entre si, uma trilogia de rigorosa coerência interna: *A Serra das Confusões* (1978), *A Cidade Substituída* (1978) e *Os Signos e as Siglas* (1987).

PALAVRAS-CHAVE: *mímesis*, *poíesis*, real, representação, H. Dobal, L. Costa Lima.